

Fé ou Obras?

Por Ricardo dos Santos Malta

O Espiritismo ensina que se reconhece o verdadeiro cristão pelas suas obras (ESE, Cap.18, Item 16). Não adianta apenas adorar e idolatrar a imagem do excelso mensageiro Jesus. É necessário vivenciar a mensagem da qual Ele foi o portador e exemplificador. É o próprio nazareno que afirma: “*E por que me chamais, Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo?*” (Lucas 6:46). Com essas palavras, dirigidas aos hipócritas e adoradores comodistas, Ele evidenciou a necessidade de vivenciar o evangelho sem as amarras da idolatria pueril.

Ao escrever em seu frontispício o lema “*Fora da caridade não há salvação*”, a doutrina espírita restaura a moral cristã em sua expressão mais pura. Não existem mais dogmas, rituais, cerimônias, sacerdócio, imagens, ou qualquer ação que evidencie a prática do culto exterior e do formalismo institucional. Verificamos na questão 886 de *O Livro dos Espíritos* qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como entendia o próprio Jesus: “**Benevolência** para com todos, **indulgência** para as imperfeições dos outros, **perdão** das ofensas”.

Assim, a caridade não se limita ao plano da assistência social, como alguns falsamente interpretam. Os dogmas abafaram essa grande máxima do Cristianismo nascente. Os cristãos foram abandonando a essência do evangelho, trocando-o pelo culto exterior que nada exige do homem, exceto a hipocrisia dos fariseus.

Entre os protestantes e católicos há o predomínio da teologia paulina da justificação pela fé. Afirmam que, segundo as palavras de Paulo de Tarso, a “salvação” viria pela fé e não pelas obras. Em síntese, afirma o apóstolo dos Gentios: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie” (Efésios 2:8-9).

Segundo os estudiosos, o irmão de Jesus, Tiago, foi o verdadeiro coordenador do Cristianismo nascente, sendo a sua epístola uma verdadeira contestação

para com a doutrina da justificação pela fé supostamente ensinada pelo apóstolo dos Gentios.

Observe-se:

Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo? E, se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento quotidiano, E algum de vós lhes disser: Ide em paz, aquecrai-vos, e fardai-vos; e não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí? **Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma. Mas dirá alguém: Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras.**

(...)

Vedes então que o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé. E de igual modo Raabe, a meretriz, não foi também justificada pelas obras, quando recolheu os emissários, e os despediu por outro caminho? **Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta** (Tiago 2:14-26).

A Sociedade Bíblica do Brasil comenta a epístola de Tiago da seguinte forma, *in verbis*:

Ele põe acima de tudo a necessidade de não somente crer como também agir. Não adianta nada alguém dizer que tem fé se não provar por meio das suas ações que sua fé é viva e verdadeira (...). A verdadeira fé cristã se manifesta em ações cristãs.¹

Defende Hermínio C. Miranda² que o apóstolo Paulo “não prega a fé sem obras, como entendem muitos de seus intérpretes até hoje; ele não faz outra coisa senão ensinar que a fé, a nova concepção do relacionamento do homem com Deus, dispensa a ritualista da lei antiga, consubstanciada no velho testamento e na tradição”, e que “jamais encontrou apoio no pensamento de Paulo de que a fé passiva e sem obras levar-nos-ia à salvação”.

¹ Bíblia Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil. P. 1224.

² MIRANDA, Hermínio C. As marcas do Cristo - Paulo, o apóstolo dos Gentios. FEB. 2010. P. 281 e 286.

Por sua vez, Severino Celestino aduz que “não podemos esquecer é que Paulo não é Jesus. Sua mensagem foi dirigida aos Gentios ou pagãos e ele facilitou muita coisa para conquistar aqueles a que dirigiu sua mensagem, em nome de Jesus”.³

Tal pensamento faz sentido, recordemo-nos do capítulo 13 da primeira epístola de Paulo aos Coríntios, considerada um verdadeiro hino à caridade. Outras passagens também evidenciam que Paulo não pregava a fé sem as obras: 2 Coríntios 5:10; 2 Timóteo 4:14; 1 Coríntios 3:8; entre outras.

De fato, em diversos momentos o convertido de Damasco fala das *obras da lei* (Romanos 3:20; Romanos 3:28; Gálatas 2:16; Gálatas 3:1; Gálatas 3:2; etc.).

Diante da nova doutrina do Cristo, de nada mais servem os velhos e desgastados preceitos da lei antiga, que continha nada menos de **613 regrinhas**, cuja observância era imprescindível àqueles que desejassem estar bem com Deus, isto é, sentirem-se virtuosos diante dele.⁴

Pode-se afirmar que Paulo era contra aos rigores da lei (obras da lei), coisa completamente distinta das obras cristãs.

Todavia, independente da real intenção de Paulo de Tarso, são nas suas epístolas que a igreja fundamenta o dogma do salvacionismo gratuito, donde podemos concluir que há mais paulinos do que verdadeiramente cristãos dentro dos templos de pedra.

A vida de Paulo é fascinante, uma verdadeira história de lutas e sacrifícios pela fé em Cristo. Suas epístolas são de valor inestimável. Entretanto, “embora nos mereçam grande respeito as epístolas de Paulo, assim como o *Atos dos apóstolos*, escrito por Lucas, seu discípulo, fixemo-nos totalmente no Evangelho de Jesus, adotando as lições do tarsense que não conflitem com a doutrina de amor, de misericórdia e de perdão”.⁵

³ CELESTINO, Severino. O Evangelho e o Cristianismo primitivo. Ideia. 2010. Pág. 136

⁴ MIRANDA, Hermínio C. As marcas do Cristo - Paulo, o apóstolo dos Gentios. FEB. 2010. Pág. 281.

⁵ FRANCO, Divaldo; TEIXEIRA, Raul. Os Evangelhos e o Espiritismo. Alvorada. 2010. Pág. 38.

Nas palavras de Jesus a teologia do salvacionismo gratuito jamais encontrou respaldo. Ele coloca como regra áurea a Lei do amor (Mateus 22: 36-39). A síntese do evangelho está toda contida no Sermão da Montanha, nele encontramos toda pureza de uma verdadeira moral universal. A exortação é sempre em prol da *benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e o perdão das ofensas*. Para Huberto Rohden o Sermão da Montanha é a alma do evangelho. O que também levou Gandhi a dizer que se por acaso se perdesse todos os livros sagrados do mundo e restasse apenas o Sermão da Montanha, nada estaria perdido.

Numa de suas belíssimas parábolas, com conteúdo extremamente significativo, “Jesus coloca o samaritano, considerado herético, mas que pratica o amor do próximo, acima do ortodoxo que falta com a caridade. Não considera, portanto, a caridade apenas como uma das condições para a salvação, mas como a condição única. Se outras houvesse a serem preenchidas, ele as teria declinado. Desde que coloca a caridade em primeiro lugar, é que ela implicitamente abrange todas as outras: a humildade, a brandura, a benevolência, a indulgência, a justiça, etc.” (ESE, Cap.15, Item 3).

Portanto, não nos esqueçamos, jamais, que o salvacionismo gratuito não existe e que Deus dará sempre “a cada um segundo as suas obras” (Mateus 16:27).